

**Híbridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?**

*Hybridism and curriculum: what have we learned in the pandemic?*

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**

São Paulo-SP-Brasil

Maria Auxiliadora Soares Padilha

**Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**

Recife-PE-Brasil

Desafiada há algum tempo com exigências de mudança diante da expansão da cultura digital, a educação precisou se reinventar no período mais grave da pandemia do Covid-19 que foi o de isolamento social e de suspensão das atividades presenciais em todo o sistema educativo. Professores, estudantes, gestores, redes de ensino, instituições de distintos níveis educacionais precisaram contar com as experiências e recursos que dispunham para enfrentar os desafios do Ensino Remoto Emergencial (ERE), intensificados diante do desprezo demonstrado pelo governo federal, que pouco fez para apoiar, orientar e financiar estratégias para realização das atividades escolares no formato remoto.

Muitas redes de ensino ficaram quase um ano inteiro inativas, outras conseguiram realizar alguma ação encaminhando conteúdo para os *smartphones* dos estudantes ou de seus pais ou até mesmo entregando materiais impressos nas residências. Outras redes utilizaram ambientes virtuais de aprendizagem, rede aberta de TV ou seus próprios portais virtuais<sup>1</sup>. Contudo, muitas instituições educacionais, especialmente aquelas situadas em locais menos assistidos em relação aos serviços de saúde, educação, assistência social, cidadania e recursos digitais, principalmente as escolas públicas, não possuíam equipamentos ou conexão adequada e foram imensamente prejudicadas. Isso demonstra que a pandemia descortinou e acentuou as desigualdades sociais, econômicas, culturais, sanitárias e educacionais existentes.

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

Desde finais da década de 1970 há registro de iniciativas governamentais voltadas ao uso do computador na educação. Políticas públicas para o uso de tecnologias em educação são desenvolvidas no Brasil a partir dos anos 1980, com resultados parcialmente alcançados em relação aos programas e projetos desenvolvidos e com a desconsideração destes diante da posse de cada nova equipe de gestão (VALENTE; ALMEIDA, 2020), inviabilizando a sustentabilidade das ações. Após mais de 50 anos das primeiras iniciativas de inserção de computadores na educação em parte das instituições educacionais brasileiras, acompanhadas pelo desenvolvimento de pesquisas (ALMEIDA, 2019), a integração de Tecnologias Digitais (TD) ainda se mostra incipiente nas práticas docentes.

Desde as primeiras iniciativas brasileiras a comunidade acadêmica esteve presente com assessorias ao governo, desenvolvimento de pesquisas e análise de experiências, tais como registram Andrade e Moraes (1993), Moraes (1977), Valente e Almeida F. (1977), Elia (2005), Almeida (2014), Valente e Almeida (2020), que evidenciam os conhecimentos produzidos acerca da integração de tecnologias na educação, bem como as realizações significativas em redes públicas de municípios, estados, em escolas privadas e, especialmente em universidades.

Contudo, a pandemia do Covid-19 revelou o despreparo das instituições e de seus profissionais, e, sobretudo, a falta de apropriação dos conhecimentos produzidos a respeito da educação presencial ou a distância com suporte em distintos meios, seja impresso, audiovisual ou digital. Os contextos educacionais que dispunham de tecnologias digitais cuidaram de dar continuidade às atividades educacionais, porém foi possível observar tanto a transposição de aulas centradas na transmissão de informações sem uma apropriação do potencial dessas tecnologias para desenvolver as aulas com ênfase no diálogo, na colaboração e na construção de conhecimentos, de modo a usufruir das funcionalidades das tecnologias para o acolhimento dos estudantes com suas inseguranças e sofrimentos.

Foram muitas as estratégias buscadas para enfrentar o isolamento social e dar continuidade às atividades escolares. Chamou-se de ensino remoto emergencial (ERE) tudo o que foi feito durante esse período para auxiliar no andamento do processo educativo. Surgiram, assim, pacotes de produtos ou “soluções” oferecidos por empresas, muitas vezes chamados apressadamente de ‘ensino híbrido’, suscitando novas problemáticas educacionais.

O conceito de híbrido é polissêmico e usado para dar significado a uma situação em que se mesclam elementos distintos, como ocorre no cruzamento entre plantas, genes etc., gerando um novo elemento. Em educação, o uso do termo híbrido antecede o período pandêmico e se apresenta com diferentes sentidos e composições.

No que tange ao currículo, Job (2016) se refere ao híbrido na perspectiva transdisciplinar constituída na fronteira de saberes híbridos. Bhabha (2001) menciona o híbrido no sentido da interpretação cultural evidenciada no currículo, entendido como prática do discurso concretizada por meio do diálogo e da negociação de significados interculturais, os quais subvertem a hegemonia discursiva e interferem no currículo. Demarca-se, assim, a composição de currículos híbridos, contingenciais, constituídos na negociação de percursos, culturas, significados, sentidos e valores (CASALI, 2018).

Em outra perspectiva, encontram-se autores que enfatizam o ensino híbrido na inter-relação com as tecnologias digitais e com as metodologias ativas, tratado inicialmente com o termo *blended learning*. O foco incide na associação de distintas metodologias e tecnologias em atividades educacionais realizadas em parte presencial e em parte a distância com a mediação de tecnologias digitais apoiadas em metodologias ativas que colocam o aluno no centro do processo pedagógico.

Almeida (2003) registra o termo *e-learning* híbrido caracterizado pela interrelação entre estudos assíncronos e atividades interativas síncronas com o uso de diferentes instrumentos de mediação, digitais e analógicos. Ao referir à integração entre tecnologias, linguagens e representações, Almeida e Prado (2005, p. 4) ampliam essa visão ao reportar a um “sistema híbrido, que mescla o global com o particular, o contexto com o universal, o pessoal com o social, o convencional com o atual e com o virtual”,

Christensen, Horn e Johnson (2008) descrevem o *blended learning* como a combinação de tecnologias com distintas metodologias de ensino na realização de atividades presenciais e *online*. Já Christensen, Horn e Staker (2013) associam ensino híbrido e inovação educacional, com destaque especial para metodologias que denominam como *rotação por estações*, *laboratório rotacional* e *sala de aula invertida*; e para a inovação disruptiva relacionada aos modelos *flex*, *a la carte*, *virtual enriquecido* e *rotação individual*.

Valente (2014) reitera essa descrição e ressalta a metodologia da sala de aula invertida (*flipped classroom*), em que o estudante recebe antecipadamente orientações e materiais de

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

estudo para apoiar as atividades da aula centradas no aluno, que aprende por diferentes caminhos pautados pelo diálogo, pesquisa, produção de conhecimento e desenvolvimento da autonomia. Em consonância com essas ideias, Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) consideram o ensino híbrido como um programa formal de ensino assentado em metodologias ativas com vistas a propiciar a aprendizagem do estudante, por meio de atividades realizadas parte *on-line* e parte presencial, com tempos e espaços definidos previamente. Também se inspira nesta orientação o estudo de Valente, Almeida e Geraldini (2017).

Em uma revisão sistemática de literatura Anjos, Silva e Anjos (2019) mostram a prevalência no Brasil do termo ensino híbrido associado com a aprendizagem mediada pelas tecnologias, bem como reconhecem uma ambiguidade entre esse termo e as distintas ênfases assumidas nos estudos e sugerem a adoção do termo “educação híbrida” de modo a envolver o ensino e a aprendizagem. Em concordância com esses autores (ibid, 2019), entendemos que não basta usar tais métodos no ensino mediado por tecnologias para que a inovação esteja assegurada, uma vez que esta se constitui em cenários em que alunos e professores tenham papéis ativos e criativos.

Moran (2015) adota a denominação educação híbrida de modo a englobar o currículo flexível, a integração de distintas áreas de conhecimento, professores e estudantes de diferentes campos de saber, tempos, espaços e metodologias diversificados, conexão entre processos educacionais formais e informais na ótica da educação aberta e em rede. Isto indica que o período pandêmico com o ERE e o retorno às atividades em sala de aula, inicialmente com parte dos alunos presenciais e parte a distância e *on-line*, pode mostrar novas características do que era considerado ensino híbrido.

Passados mais de três anos desde o início da pandemia do covid-19, ainda não se consegue dimensionar a totalidade dos impactos gerados pelo isolamento social, o ensino emergencial remoto, a adoção acrítica do hibridismo no ensino, no desenvolvimento do currículo e na prática pedagógica.

Após o retorno às atividades presenciais, é relevante identificar as contribuições e os desafios que o ensino remoto emergencial (ERE) e o ensino híbrido desenvolvido deixaram para as práticas docentes, o currículo e a aprendizagem, pois, ao mesmo tempo que foram enfrentados dificuldades e prejuízos inusitados nas distintas dimensões do processo educacional, também emergiram novas oportunidades educacionais.

À vista disso, este dossiê considera fundamental dar visibilidade para a publicação científica que permita esquadriñar e sistematizar conhecimentos sobre o híbrido na educação e no currículo a partir de artigos que analisam diferentes experiências, exitosas ou não, ressignificam ou constroem conhecimentos e metodologias. Com isso, espera-se ensinar o entendimento sobre o legado das experiências vividas nos tempos de crise, subsidiar as práticas educacionais na pós-pandemia, a identificação de novas questões de investigação e a proposição de políticas públicas menos erráticas diante de novas crises.

Nessa ótica esta apresentação tem o objetivo de apresentar os estudos enfatizados nos artigos que compõem o dossiê, que retratam experiências, pesquisas, construções conceituais e debates constituídos durante e logo após o período de ensino remoto emergencial, os quais são analisados mediante distintos prismas, de modo a favorecer a compreensão de suas influências no ensino, na aprendizagem e no currículo praticados na atualidade e o futuro da educação.

Para empreender esse objetivo, são apresentados os artigos avaliados e aprovados por pareceristas, que compõem o Dossiê “Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?” coordenado por Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e Maria Auxiliadora Soares Padilha, no âmbito da Revista Cocar, periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, em parceria com a Sociedade Brasileira de Currículo.

As temáticas preponderantes nos artigos se relacionam com formação de professores, currículo, cultura escolar, letramento digital, ensino e prática pedagógica, metodologia, qualidade de vida. Os autores, originários de distintas regiões do país e do exterior, se debruçaram sobre os diversos níveis de ensino, desde a educação infantil, ensino fundamental, ensino médio até o ensino superior, este último, contudo, com mais frequência, especialmente porque vários artigos focalizam a temática da formação inicial de professores.

Ao todo, o dossiê conta com 33 artigos, sendo 02 artigos internacionais, conforme apresentamos a seguir.

Os autores Julio Cabero-Almenara e Rubicelia Valencia-Ortiz, desenvolvem um ensaio crítico sobre a relação entre pandemia e transformação dos cenários formativos, considerando as experiências do período pandêmico que demandaram novos modelos e estratégias educativas voltados à aprendizagem dos estudantes, cujos estudos permitem

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

compreender o fundamental papel do professor na integração de materiais didáticos, ferramentas, comunicação e planejamento associados com o *b-learning* e com a formação híbrida. Identifica-se, assim, o enaltecimento da ação docente e a reconfiguração de caminhos para o futuro da educação com equidade social.

A relação entre formação docente, pandemia e educação infantil são objeto de estudos do artigo de Julianna Britto Oliveira Santos, Luiz Anselmo Menezes Santos e Cláudia Patrícia Melo Marinho Santos com o objetivo de investigar as perspectivas e os impactos das experiências de formação continuada de docentes desenvolvidas no período da pandemia. Como resultado destacam as contribuições da formação híbrida associada com reflexões sobre as demandas no período pandêmico para o desenvolvimento profissional docente congregado com a educação da infância.

As lições, tensões e ressignificações da formação de professores são analisadas pelos autores Jefferson Luis da Silva Cardoso e Rosângela Araújo Darwich, a partir do trabalho docente no período da pandemia de Covid-19 a fim de identificar os impactos de outros formatos de ensino no desempenho de sua prática educativa, segundo a percepção de professores da educação básica. Os resultados apontam a ressignificação da formação de professores, em virtude dos diferentes formatos de ensino experimentados, que exigiram um novo olhar sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Keiciane Canabarro Drehmer-Marques, Larissa Lunardi e Thamires Luana Cordeiro analisam o desenvolvimento profissional docente evidenciado no projeto “Ciclos formativos de professores online: promoção do diálogo sobre educação”, criado em 2020, por meio de uma análise estatística descritiva dos dados do projeto. Os resultados mostram a relevância do espaço virtual para a formação e o desenvolvimento profissional assentados no diálogo, bem como a necessidade de investir em políticas públicas, que considerem a carga horária de trabalho dos professores e as questões relacionadas à sua saúde física e mental.

O desenvolvimento profissional docente é tratado pelas autoras Josemeire do Nascimento Ferreira e Filomena Maria de Arruda Monteiro em estudo acerca das possibilidades pedagógicas do uso de material estruturado, por meio da narrativa da experiência de uma das autoras, professora alfabetizadora na rede pública. A narrativa revela três movimentos - antes, durante e depois da pandemia, cada qual com diferentes características do exercício docente, que requerem a apropriação das relações e práticas em diferentes contextos de uso do material estruturado, vinculam o protagonismo docente com

a reflexão e com a ressignificação da prática. Logo, o híbrido se constitui entre espaços, tempos e contextos complementares, com uma atuação docente crítica, reflexiva e responsável.

O artigo intitulado *Articulações em torno da BNCC para um "todos" em tempos de pandemia*, de autoria de Ana Paula Peixoto Soares, trata das articulações em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como projeto curricular único para um “todos”, à luz de tempos inéditos posto pela pandemia de COVID-19, buscando ressignificá-la como uma “janela de oportunidades” por redes que atuam com “*edu-businesses*” ou negócios em educação (BALL, 2014). A partir de referenciais pós-estruturais e pós-fundacionais, o estudo destaca a impossibilidade de um projeto curricular único e argumenta a favor da produção de currículos contextuais como política de currículo. Tais argumentos se alinham com o hibridismo no currículo, (re)construído em consonância com as condições contextuais.

Eduardo Fofonca, Thiago Paulo de Almeida e Mônica Soraya Lins analisam os dispositivos legais definidos pelo município de Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro, para a educação básica diante da pandemia da covid-19 e da inação do Ministério da Educação. O estudo mostra os desafios enfrentados no ensino remoto a distância e, posteriormente, no ensino híbrido, a produção de orientações curriculares específicas e de mecanismos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos. Assim, evidencia a necessidade de legislação perene acerca da integração de tecnologias digitais ao currículo e da formação de professores condizente, além da conjugação de esforços das distintas esferas do poder público.

Com o objetivo de investigar as percepções dos estudantes universitários sobre suas experiências de aprendizagem durante o ensino remoto, Oswaldo Antonio Oriani Junior, Dirce Aparecida Foletto de Moraes e Diene Eire de Mello aplicaram um questionário *online*, respondido por estudantes universitários de diferentes instituições do Brasil. Os autores concluem que é importante pensar em estratégias de novos arranjos curriculares que sejam mais flexíveis e inclusivos, que permitam hibridizar conteúdos, movimentos, *espaços tempos* na construção de um aprendizado crítico e criativo, além de práticas didáticas diversificadas que explorem o potencial das tecnologias digitais para uma formação de qualidade nas universidades.

Diante dos desafios das corporeidades e silenciamentos dos corpos provocados pelos tempos pandêmicos, o ensaio de Andreza Berti e Rosa Malena Carvalho, enfatiza o currículo

*Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

como prática cultural nos *cruzamentos/enredamentos* entre o campo formal e as experiências acadêmicas de duas universidades públicas federais, revelando que a produção da corporeidade e a atenção ao mundo devem ser a base da política, do planejamento educativo e do currículo praticado, que se move nos *espaçostempo* do mundo, inclusive o digital. Nesse sentido, o híbrido emerge na interação entre a individualidade e a coletividade, na conexão entre conhecimentos sistematizados e conhecimentos das experiências em situações de vulnerabilidade, delineando currículos não lineares, que contemplam a diversidade.

Os autores Adriano Edo Neuenfeldt, Rogério José Schuck e Derli Juliano Neuenfeldt destacam como lição da pandemia, e para além dela, a interação entre estudantes e professores para organizar um currículo híbrido e compartilhado, a partir da análise da percepção dos pesquisados sobre a virtualização das aulas presenciais, ocorridas no período da pandemia de Covid-19. Como resultados, desvelam a relevância da adoção de estratégias de ensino que propiciem maior interação entre professores e estudantes, mediante o uso das tecnologias digitais, com uma concepção de currículo coerente com as necessidades do ensino virtualizado e com o ensino híbrido. Reiteram, assim, a necessidade de práticas de ensino híbrido assentadas em currículo que se desenvolve por meio de processos de interação e reconstrução.

As práticas curriculares de professoras da Educação Infantil entre o remoto e o híbrido em contexto da pandemia é objeto de estudos de Dryelle Patrícia Silva e Silva e Neide Cavalcante Guedes, a partir dos memoriais da prática de professoras do município de Bom Jesus, estado do Piauí. As análises mostram que as professoras conseguiram manter o exercício da docência para infância e ressignificar sua prática, porém o ensino híbrido foi considerado pelo sistema como rodízio entre estudantes; apontam a inadequação estrutural das escolas, a carência de processos formativos dos professores, submetidos às exigências de cumprimento da BNCC. Descortina, portanto, a insensatez da falta de condições das escolas e de respeito às professoras, bem como acentua contradições com as concepções limitadoras do híbrido na educação.

A emergência de currículos híbridos é analisada por Vanessa Ribas Fialho, Ariani da Silva Oliveira e Gabriel Eduardo Gonçalves, a partir de práticas educacionais mediadas pela tecnologia de uma formação continuada de professores do ensino superior realizada na REDE/UFSM. Os resultados indicam que os docentes participantes da formação buscaram reinventar suas práticas para acompanhar as mudanças das salas de aulas no período de

ensino remoto emergencial. No entanto, iniciativas relacionadas aos currículos híbridos são tímidas e se aproximam da capacidade de resiliência de professores e alunos. Logo, cabe à instituição prover condições de infraestrutura e formação docente, promover discussões sobre a convergência de currículos de distintas modalidades, presenciais, a distância ou híbridos e criar situações de compartilhamento de experiências.

Maria da Graça Moreira da Silva e Fernando José de Almeida discutem sobre o conceito de ensino híbrido em pesquisas científicas realizadas no período inicial da Pandemia Covid-19 a partir de dissertações e teses no período de 2020 a 2022. Os autores identificam que o hibridismo na educação ainda é um conceito em construção e que a maioria dos trabalhos analisados trata de práticas pedagógicas e concluem que o principal desafio político-pedagógico é buscar, por meio da educação híbrida, a educação de qualidade social, inclusiva e equânime.

Tendo como principal arcabouço teórico a Teoria Ator-Rede (TAR) concebida por Bruno Latour, Priscila Costa Santos, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e Gerlane Romão Fonseca Perrier refletem sobre o currículo em suas interfaces como actante, mediador e intermediário no período pandêmico em inter-relação com as tecnologias de informação e comunicação. As autoras compreendem que o currículo emerge como um ator que, a depender da associação que estabelece, pode ser entendido pelas suas diversas facetas, dentre elas intermediário e mediador e, portanto, se posiciona como actante importante para o desenvolvimento do pensamento híbrido na educação.

Paulo Alexandre Filho, Yngrid Karolline Mendonça Costa e Daniela Nogueira de Moraes Garcia, revisitam o conceito de nativos digitais, de Prensky, em tempos de pandemia, com o propósito de validar ou contestar tal perspectiva, com base na concepção de letramento digital associado com as tecnologias digitais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apoiada em revisão de literatura, cujos resultados mostram pontos de divergência entre o conceito de nativo digital e o contexto educacional brasileiro, que ainda busca a inserção efetiva das tecnologias digitais, conforme evidenciado no período pandêmico. Reitera-se a posição dos autores sobre a literatura dispor de trabalhos com indícios de uma apropriação inadequada e acrítica da concepção de Prensky, especialmente por desconsiderar o contexto sociocultural.

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

No que tange às metodologias, o artigo de Teresa Ribeirinha e Bento Silva, de título (Re)desenhando o Modelo Flipped Classroom (MFC) no contexto *online*, trata de um estudo de investigação-ação desenvolvido nos dois anos da Pandemia do Covid-19. Foram realizados dois ciclos de investigação-ação com alunos do ensino secundário português, associando a tecnologia com o MFC. Os resultados mostram o *envolvimento* do aluno, o *enriquecimento* e *extensão* das aprendizagens, além de aspectos a melhorar com orientações para otimizar a aprendizagem em ambiente educacional mediado pela tecnologia por meio de estratégias, que considerem as preferências dos alunos identificadas a partir do diálogo.

A resignificação dos Círculos de Cultura de Paulo Freire é estudada em artigo de Chavelli Dominique Luiz Machado, Sonia Maria Chaves Haracemiv e Vanisse Simone Alves Corrêa, desde a concepção original do método até sua resignificação por meio de suportes tecnológicos em processo formativo de professores, diante do isolamento social gerado pela pandemia da Covid-19. A partir da análise de artigos científicos, livros, teses e dissertações, o estudo identifica o diálogo como elemento fundante do processo de construção do conhecimento em contexto digital de formação de educadores com acesso às tecnologias e habilidades para utilizar seus recursos, a compreensão das práxis e comunicação freireanas, para estabelecer relações de cooperação e reciprocidade e a democratização digital de saberes.

Maria Alzira Leite e Márcia Cristina Neves Voges, enfatizam as tensões e os embates enfrentados pelo professor de educação infantil na pandemia por *Sars-CoV-2*, com base no dialogismo proposto pelo círculo de Bakhtin, valendo-se dos registros publicados por uma professora de educação infantil em sua página pessoal no *Facebook*. A observação das manifestações sobre o trabalho docente, a situação de aprendizagem dos alunos e o contexto familiar do ensino remoto revelam contingências sociais, que incidem sobre os professores, desafiados a manter a motivação na prática pedagógica com atenção para o humano.

A cartografia de movimentos inventivos e intensivos dos “bebês da pandemia” é traçada por Fernanda Binda Alves Touret, Nathan Moretto Guzzo Fernandes e Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni, a partir das enunciações infantis expressas nos movimentos brincantes, em encontros ocorridos em um Centro Municipal de Educação Infantil, em período posterior ao isolamento imposto pela pandemia de Covid-19. Concluem que os movimentos das grafias tecidas pelos bebês apresentam corpos “pós-pandêmicos” transfigurados em múltiplas aprendizagens, que delineiam currículos e docências em

processos de criação coletiva. Tais cartografias evidenciam a potência da composição de currículos abertos, gerados nos encontros que se pode estabelecer com a vida para além das delimitações espacotemporais.

As percepções de crianças e suas famílias a respeito da pandemia e do ensino remoto emergencial são objeto do estudo de Ana Luiza Honorato de Sales, Catarina Souza de Matos e Mirna Juliana Santos Fonseca, que articula resultados de duas pesquisas qualitativas. A análise destaca o cansaço das crianças e de suas mães, a baixa motivação das crianças para realizar as atividades escolares, associada à saudade do ambiente escolar e desafios emocionais que influenciaram o cotidiano familiar e o desempenho nas atividades escolares remotas. Por outro lado, o ensino remoto oportunizou um maior contato das crianças com as mídias e maior aproximação com as famílias.

Visando comparar a inserção dos estudantes na cultura digital antes e após o período pandêmico, Fernanda Josirene de Melo Ferreira e Cleide Jane de Sá Araújo Costa analisam o perfil desses estudantes e sua aderência aos recursos de aprendizagem digitais, como o uso de mapas conceituais e vídeos. Foram aplicados questionários online antes e após a pandemia com estudantes de um curso de Pedagogia. As autoras concluem que os estudantes passaram a se identificar como mais inseridos na cultura digital após a pandemia o que amplia a condição de produção autoral dos discentes.

Rozevania Valadares de Meneses César, Rafaela Virgínia Correia da Silva Costa e Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos refletem sobre os saberes docentes na educação básica, no contexto do ensino remoto emergencial, considerando as práticas pedagógicas imbricadas com as interfaces digitais. A partir de um estudo de caso com professores de escolas públicas as autoras identificaram que o principal desafio enfrentado foi lidar com saberes ainda inexistentes sobre as interfaces digitais. Entretanto, a realidade vivida com o ensino emergencial remoto permitiu que esses saberes fossem ressignificados em meio ao processo pedagógico, mediante as experiências vividas pelos docentes, não se limitando ao currículo pré-estabelecido.

Jéssica da Silva Gaudêncio e Alan Fernando Yoshiaki Matsushita realizam uma revisão sistemática para analisar as estratégias didáticas utilizadas por docentes brasileiros durante o período do ensino emergencial remoto a partir de aulas virtuais de Química. O texto apresenta as dificuldades enfrentadas, as novas estratégias e metodologias desenvolvidas

*Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

para o ensino de Química e áreas científicas durante o ERE, em diferentes regiões do país. Os autores afirmam que, apesar do esforço dos docentes em preparar as aulas virtuais, não devemos esquecer que as estratégias se deram de forma emergencial e, portanto, as dificuldades foram muitas, especialmente a falta de formação dos professores e estudantes, a falta de infraestrutura de muitas escolas públicas, a questão socioeconômica dos estudantes, a precariedade do acesso à internet e a evasão escolar.

O artigo de Cleber Fernando Correa Barbosa, Paulo Vilhena da Silva e Cristiane Ruiz Gomes buscou identificar e avaliar os efeitos que as mudanças metodológicas e tecnológicas promovidas pelo ERE provocaram no ensino e na aprendizagem de Matemática de estudantes de escolas públicas, por meio de respostas a um formulário *online* com estudantes do Ensino Médio. Segundo os autores, os principais desafios enfrentados pelos estudantes foram a falta de acesso à internet, falta de equipamento adequado, além das questões emocionais, mas que também houve oportunidades singulares de crescimento, tanto para professores como para alunos, como por exemplo, o aprendizado de metodologias educacionais inovadoras, usando as tecnologias digitais de informação e comunicação.

O estudo de Sandra Maria Ferreira Jeremias, Sonia Maria Chaves Haracemiv e Ana Maria Soek teve como objetivo investigar as mudanças no ensino e na aprendizagem num contexto de reconfiguração em que a escola precisou utilizar tecnologias digitais e analógicas para atender às demandas de aprendizagem durante o ERE. Os autores relatam as dificuldades dos alunos em interagir e ter atenção nas aulas, além da falta de infraestrutura para estudar. Já os professores tiveram dificuldades com o planejamento, redução dos conteúdos propostos, além da adaptação de recursos tecnológicos para ministrar aulas online.

Isamara Grazielle Martins Coura e Leôncio José Gomes Soares investigaram as aulas de teatro e música destinadas às pessoas idosas durante a pandemia e de que maneira esses encontros virtuais contribuíram para as aprendizagens e para reduzir os danos dessa fase na qualidade de vida das pessoas envolvidas. As aulas remotas promoveram momentos de descontração e aprendizagens sobre temas que não eram trabalhados nas aulas presenciais, especialmente sobre tecnologias. Os autores concluem que, apesar de a pandemia ter afetado significativamente a vida desses idosos, as aulas remotas de Teatro e de Voz e Violão contribuíram para minimizar os danos na qualidade de vida dos idosos causados pelas condições impostas pela pandemia.

Djanires Lageano Neto de Jesus e Flavinês Rebolo apresentam uma pesquisa nacional sobre os reflexos do contexto pandêmico na atuação do professor universitário, mais precisamente nas competências adquiridas com o uso exclusivo dos recursos das tecnologias educacionais, a partir de um questionário respondido por 584 professores durante e após o ERE. Apesar de a maioria dos professores respondentes afirmar que o ensino deva ser presencial, eles complementam que as ferramentas tecnológicas digitais devem ser introduzidas como forma de adequar a Educação Superior às mudanças da sociedade contemporânea. Sendo, portanto, necessário pensar no ensino híbrido no âmbito de uma pedagogia particular, específica para a inclusão das atividades presenciais no ciberespaço disponível pelas IES.

Daniela Finco, Marta Regina Paulo da Silva e Reny Scifoni Schifino apresentam os resultados de uma pesquisa colaborativa, com professoras pesquisadoras de três creches da região metropolitana de São Paulo, a partir dos seus registros e documentações pedagógicas, tendo como base estudos sociais da infância e da epistemologia freiriana. Nesse sentido, refletem sobre os desafios vivenciados para a garantia dos direitos das crianças pequenas de brincar, e dialogaram com as profissionais docentes sobre a infância no contexto pandêmico. A partir de fotografias, desenhos e relatos as autoras discutem sobre a necessidade de se descolonizar o currículo da educação infantil, não apenas na teoria, mas, principalmente, nas práticas pedagógicas.

A partir de narrativas autobiográficas da docência no contexto pandêmico, Robson Guedes da Silva busca refletir sobre a docência na formação de professores em relação aos efeitos didático-curriculares da pandemia e processos de resistência contra práticas neoliberais tão presentes no cotidiano da educação, especialmente naquele período. Utilizando a narrativa autobiográfica, o autor analisou 4 (quatro) fragmentos de um diário docente, escrito nos períodos mais críticos do isolamento social durante a pandemia, o autor faz importantes reflexões sobre os dilemas e desafios que permearam a docência e a formação docente no contexto pandêmico.

Marluce Batista Silva Cardoso e Genylton Odilon Rêgo da Rocha analisam as orientações oficiais prescritas às práticas curriculares dos docentes da rede municipal de educação de Belém no período da pandemia de Covid-19. Os autores realizam um estudo documental das principais orientações da secretaria de educação que implicaram na dinâmica

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

do currículo das escolas municipais no período do ensino remoto emergencial. De acordo com a análise de conteúdo realizada, os autores concluíram que os docentes construíram as práticas curriculares no período pandêmico em consonância com as orientações oficiais, enfrentando as dificuldades impostas.

Ernandes Rodrigues do Nascimento, Isabel Pauline Lima de Brito e Maria Auxiliadora Soares Padilha analisam o engajamento dos professores no retorno às atividades presenciais após o período do ensino remoto emergencial. Os autores realizaram um estudo quantitativo a partir da aplicação da Escala Brasileira de Engajamento Docente e concluíram que, apesar do medo de voltar ao convívio social por causa da alta taxa de contaminação do vírus da Covid-19, após quase dois anos de aulas remotas, os professores estavam engajados com o retorno às aulas presenciais.

Fundamentadas no paradigma da complexidade e teorias reticulares, Raquel Pasternak Glitz Kowalski, Rosilei Ferrarini e Patrícia Lupion Torres realizaram uma pesquisa exploratória por meio de relato docente e aplicação de questionário *online* a estudantes de ensino superior visando identificar quais Tecnologias Digitais foram acopladas ao processo educacional na modalidade presencial pós-pandemia e se isso pode ser considerado como hibridizações, como e por quê. As autoras concluíram que as tecnologias digitais favoreceram a interatividade durante e depois do período de ensino remoto emergencial. Além disso, esses recursos foram acoplados ao ensino presencial, agora enriquecido pelo digital.

Gustavo Roberto de Lima, Beatris Cristina Possato e Katiúscia Cristina Vargas Antunes refletiram sobre os impactos do ERE na realização do estágio curricular, destacando os limites e possibilidades que a condição apresenta para o processo de formação docente. Utilizando metodologias autobiográficas, a partir dos registros do estagiário, as autoras admitem que o ERE trouxe boas experiências, mas também–dificuldades, bem como afirmam que esse modelo de ensino permitiu que os professores se reiventassem, mas que a escola presencial, enquanto espaço de socialização e de convivência das e com as diferenças, não pode ser facilmente substituída ou migrada para um ensino a distância, sem gerar grandes perdas aos estudantes.

Em uma visão abrangente do conjunto de artigos apresentados neste dossiê entendemos que o hibridismo abarca distintos elementos implícitos na educação e desponta como uma tendência educacional, especialmente no ensino superior, na cauda longa da pandemia e na pós-pandemia, que suscita novas problemáticas e questões de investigação.

No âmbito deste conjunto de artigos destacamos as perspectivas de professores e estudantes sobre as experiências no ensino remoto emergencial. Os trabalhos que analisaram as perspectivas de estudantes, especialmente do ensino médio e superior, afirmam que estes percebiam que os professores não estavam preparados para o ensino remoto e que alguns apenas transpunham o ensino presencial tradicional, para o *online*. Já a análise do olhar de professores sobre os estudantes enfatiza que eles não demonstravam interesse nas aulas *online*, não interagiam e possuíam dificuldades de acesso à internet de qualidade e de infraestrutura para participarem dos encontros virtuais. Desta feita, observa-se que a maioria das atividades realizadas no ensino emergencial remoto foi mais conteudista e não primava pela interação com e entre os estudantes.

O estresse e a saúde mental também foram citados com frequência nos artigos, mas como temáticas tangenciais. Da parte das políticas educacionais há destaque para o descaso, a falta de condições concretas e de orientação para a realização das atividades remotas, o desrespeito aos profissionais e aos estudantes. Apesar disso, a realidade vivida durante o ERE provocou um ‘choque de realidade’ nas instituições educacionais, nos gestores e professores para uma urgente necessidade de ressignificação da educação e seus modos, fazeres e saberes. Isto mostra a necessidade da construção de currículos contextualizados e a inadequação da defesa de um projeto curricular homogêneo.

No entanto, há outros artigos que analisam diferentes formatos e metodologias de ensino experienciados no período pandêmico e no retorno às atividades presenciais, conclamam um novo olhar sobre os processos de ensino e de aprendizagem, enaltecem a ação docente, identificam a necessidade de ressignificar a formação de professores e o desenvolvimento profissional docente em distintos níveis e modalidades educacionais.

Ademais, há estudos que enfatizam a composição do hibridismo na interação entre todos os participantes, na conexão entre conhecimentos sistematizados e conhecimentos que emergem das experiências, delineando novos arranjos curriculares, mais flexíveis, inclusivos, alineares e reconstrutivos, que contemplam a diversidade. Deste modo, o hibridismo extrapola a articulação entre presencial e virtual, a associação de tecnologias e metodologias e se alinha com a constituição de movimentos entre espaços, tempos e contextos complementares por meio de uma atuação docente crítica, reflexiva e responsável, voltada à construção de um aprendizado crítico e criativo, com indicadores de um hibridismo

### *Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?*

curricular (re)construído em cada contexto. Tal perspectiva evidencia a necessidade de reconfigurar as políticas curriculares, ressignificar as propostas de formação de professores e de integração de tecnologias ao currículo, o que requer a conjugação de esforços de distintas esferas do poder público em prol de uma educação de qualidade, inclusiva, dialógica, equânime e humanista, que contemple as diferenças e os diferentes, a democratização de saberes e oportunidades de desenvolvimento da vida, comprometida com o desenvolvimento social sustentável.

É nesse sentido que esse dossiê chama a atenção para a necessária reflexão sobre o que foi vivido e que não se perca na busca para um desesperado retorno ao ‘antigo normal’. Não há como retomar o passado, como vários autores destacaram em seus textos e, por isso, o hibridismo vivido deve ser analisado profundamente em cada instituição para que se resgate o que deu certo, se possa aprender com os equívocos cometidos, se identifique o legado da pandemia, se ressignifique concepções e se desenvolvam estratégias pensadas a partir de um novo contexto, para um novo projeto de formação humana.

O dossiê **Hibridismo e currículo: o que aprendemos na pandemia?** Pretende contribuir para as práticas curriculares e para o desenvolvimento de pesquisas educacionais que buscam ampliar a visão, muitas vezes ainda limitada, que possuíamos do hibridismo em educação, antes da pandemia do Covid-19. Os textos acima apresentados refletem sobre diversas formas que podemos compreender e viver esse hibridismo em nossas práticas educativas. Eles também podem nos ajudar a superar uma visão de senso comum que ainda tínhamos sobre o que vivemos durante o período do Ensino Remoto Emergencial. Este período nos proporcionou grandes oportunidades de encarar de frente várias perspectivas de ensino híbrido, como podemos ver nos textos publicados.

Nós agradecemos a receptividade e a contribuição dos pesquisadores e pesquisadoras que se disponibilizaram a atender ao nosso convite para submeter artigos, avaliar e participar desse importante processo de divulgação científica. Somos gratas à Associação Brasileira de Currículo pela parceria com a Revista COCAR, aos editores e à equipe técnica desta revista, que nos acolheram e se dedicaram com afinco para dar conta de todo o trabalho envolvido em um dossiê de tal envergadura. Também desejamos que aproveitem dessa organização e sistematização e tenham uma agradável e propositiva leitura!

Agosto de 2023

## Referências

ALMEIDA, M. E. B. **Integração currículo e Tecnologias de Informação e Comunicação: Web currículo e formação de professores.** 2019. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

ALMEIDA, M. E. B. Las políticas TIC en los sistemas educativos de América Latina: Caso Brasil. **Programa TIC y Educación Básica.** UNICEF, 2014. <https://openlibra.com/en/book/download/las-politicas-tic-en-los-sistemas-educativos>. Acesso em 22 mai. 2023.

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27916/29688>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ALMEIDA, M. E. B.; PRADO M. E. B. B. A formação de gestores para a incorporação de tecnologias na escola: uma experiência de EAD com foco na realidade da escola, em processos interativos e atendimento em larga escala. In **Anais XII Congresso Internacional de Educação a Distância** – ABED. Florianópolis, 2005.

ANDRADE, P.F.; MORAES, M.C. (Editores). **Projeto EDUCOM: realizações e produtos**, Autores: Pedro Andrade, Paulo Gileno Cysneiros, Antonio Mendes Ribeiro, Lydinéa Gasman, Riva Roitman, Marcos da Fonseca Elia, José Armando Valente, Lucila Maria Costi Santarosa, Léa da Cruz Fagundes. Brasília: MEC/OEA, Vol. II, 1993.

ANJOS, A. V. dos; SILVA, L. M.; ANJOS, A. M. Ensino híbrido: organização e sistematização de conceitos com base em revisão sistemática da literatura. **EmRede - Revista De Educação a Distância**, v. 6, n. 2, pp. 203–220, 2019. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/467> Acesso em 21 jul. 2023.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BHABHA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CASALI, A. M. D. Direitos humanos e diversidade cultural: implicações curriculares. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 27, n. 65/2, p. 549-572, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/6883>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CHRISTENSEN, M., C., HORN, B., M., JOHNSON, W., C. **Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender**, 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2012.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**, maio 2013. Disponível em: [http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT\\_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf](http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf). Acesso em: 2 mar. 2023.

JOB, N. Renascimentos: do resgate da antiguidade à emergência de um saber híbrido. **Cosmos & Contextos**, n. 27, mar. 2016. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/category/cosmos-e-contexto-n-27/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended**: usado a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

ELIA, M. Uma Nação em Risco. In **Anais Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE**, [S.l.], p. 320-328, nov. 2005.

MORAES, M. C. Informática educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas, **Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE**, v. 1, n. 1, Porto Alegre, 1997.

MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, TANZI; TREVISANI. (orgs.). **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: PENSO, 2015, p. 27-45.

VALENTE, J. A. *Blended learning* e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Revista Educar**, Curitiba, Ed. Especial, n. 4, p. 79-97, 2014.

VALENTE, J.A.; ALMEIDA, F.J. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor, **Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE**, v. 1, n. 1, Porto Alegre, 1997.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. Políticas de tecnologia na educação no Brasil: visão histórica e lições aprendidas. [Brazilian technology policies in education: History and lessons learned]. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas** [Education Policy Analysis Archives], v. 28, n. 94, 22 jun. 2020.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, p. 455-478, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.DS07>. Acesso em: 24 fev. 2023.

## Nota

---

i Experiências relatadas por professores durante formações realizadas pelas autoras para práticas do ensino remoto durante o período do isolamento social na pandemia do covid-19.

## Sobre as autoras

### **Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida**

Livre-docente em Tecnologias em Educação, pela Faculdade de Educação, da PUC-SP. Doutora em Educação: Currículo, com pós-doutorado na Universidade do Minho. Pesquisadora produtividade do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Educadores com Suporte em Meio Digital. Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Faculdade de Educação, com pesquisas sobre Tecnologias em Educação. E-mail: [bethalmeida@pucsp.br](mailto:bethalmeida@pucsp.br) | Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5793-2878>

### **Maria Auxiliadora Soares Padilha**

Professora associada para atividades de EAD da UFPE. Possui graduação em Pedagogia (1997), mestrado em Educação (2001) e doutorado em Educação pela UFPE (2006). Pós- Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE. Foi Coordenadora do Programa Institucional de Inovação Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco e coordena, desde 2011 o Programa de Extensão Proi-Digital. E-mail: [dorapadilha@gmail.com](mailto:dorapadilha@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7024-6522>